

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

(Lisboa, 17/06/1926 – Lisboa, 12/04/2007)

Empresário e dramaturgo, João Osório de Castro foi um dos fundadores da emblemática Casa da Comédia.

Gerente e administrador de empresas, João Osório de Castro estreia-se na escrita para teatro com *Dom Henrique de Portugal* (1961, Teatro Nacional D. Maria II), que convoca o desastre de Tânger e o trágico dilema do Infante: abandonar Ceuta ou sacrificar o irmão, D. Fernando, refém dos marroquinos. O autor, porém, não se deteve «na análise do drama interior, preferindo traçar um vasto esboço» dinamizado pelo encenador Pedro Lemos, de que surge «um vasto fresco, e, assim, as figuras têm um perfil sublinhado, necessariamente imóvel, e os gestos a função de símbolo» (P. 1962: 4).

A peça seguinte, *Blusões negros* (1962), apresentada no palco e pelo encenador anteriores, afasta-se da solenidade das figuras históricas para explorar temáticas actuais, situadas em ambientes contemporâneos, compondo uma intriga sobre a revolta de um jovem que cede ao crime. Numa análise severa da peça, Alice Ogando fala na fragilidade do enredo, no recorte superficial das personagens, no desempenho dos intérpretes, incapazes de elevar o drama «que pretende focar casos de delinquência juvenil. Parece, mas não temos a certeza e o autor também não» (Ogando 1962: 37). A escritora aponta também a falta de audácia de Osório de Castro, que coloca problemas de carácter social, sem mostrar aptidão para os resolver: «Para flagelar costumes, especialmente maus costumes, erros de educação, de regimes, de épocas, é preciso ter coragem de desagradar. Quem pretenda agradar por força a bem da conveniência própria não escolhe um problema destes» (*idem*). No *Diário de Lisboa* refere-se a mescla de géneros – «um arranjo de história policial, aventura de “gangsters” e melodrama convencional» –, bem como «um intuito moralizante um tanto vago, de mãos dadas com uma ingenuidade romântica de boa cepa portuguesa» (A.de M. 1962: 13). No entanto, a análise do espectáculo destaca o ritmo da encenação, «quase cinematográfico», o esforço meritório do encenador e a boa vontade dos actores, reconhecendo que «[a] peça não agradou a todos, mas o espectáculo montado com probidade e, até certo requinte técnico, foi aplaudido, tendo o autor sido chamado ao palco nos fins do segundo e terceiro actos» (*idem*).

Em 1962, João Osório de Castro coopera na edificação do Teatro de Bolso de Lisboa – Casa da Comédia, na Rua S. Francisco de Borja, n.º 24, às Janelas Verdes, e será um colaborador fiel de Fernando Amado, seu emblemático animador. Decorada por Almada Negreiros, com capacidade para cerca de 100 espectadores, a sala abre as suas portas em Julho de 1963 (Coelho 2009: 138). No novo espaço, valorizam-se novas dramaturgias e reivindica-se liberdade estética, independente das pressões do teatro comercial, acolhendo-se artistas entusiastas, que se tornarão figuras de destaque do teatro português, tais como Fernanda Lapa, Manuela de Freitas, Maria do Céu Guerra, Santos Manuel, Glória de Matos, Norberto Barroca e Jorge Listopad, entre outros. Aí é estreada a farsa *O baile dos mercadores* (1965), em que o dramaturgo experimenta um novo género teatral, cruzando humor e crítica num enredo jocoso, sobre rivalidades entre duas lojas que vendem roupa. Luís d'Oliveira Nunes, saudando o entusiasmo da

jovem equipa e o repertório da Casa da Comédia, comenta a inclusão da obra e do autor, que «pôde, enfim, encontrar o “habitat” natural» (Nunes 1965: 5). A farsa seria «construída, como tudo indica, nos moldes de um teatro burguês, embora a encenação pareça ter-se apostado em a mascarar», e haveria adequação do traço caricatural, da linguagem e do diálogo, «embora Osório de Castro deixe cair muitas situações por demasiada prolixidade nas palavras que tiram agilidade às ideias». Já Carlos Porto, na crítica ao espectáculo encenado por Manuel Couto Viana (Estufa Fria, 1970), define a peça como «uma sátira ao poder corruptor do dinheiro visto pelo lado do comércio», que apresenta «situações com certa graça», mas à qual faltaria «uma linguagem que fosse ao mesmo tempo cómica e poética» e, também, uma encenação audaz e imaginativa (Porto 1970: 5).

Em 1970 Osório de Castro retoma um dos projectos do seu companheiro e cúmplice, Fernando Amando, entretanto falecido, traduzindo obras de Valle-Inclán – *A cabeça do Baptista*, *Laço de sangue* e *Sacrilégio* – e levando-as à cena na Casa da Comédia. Logo voltará à escrita original com *Mestre Gil vai às escolas* (1972) e *Escola de domadores* (1973), estreadas no âmbito da iniciativa «Ao encontro do teatro», destinada a alunos do ensino primário e secundário (Coelho 2009: 297). Ainda em 1973 é publicada a adaptação livre de um episódio da *Peregrinação*, *A primeira espingarda do Japão* (filmada para a RTP em 1992). A peça, recenseada por Osório Mateus, resumir-se-ia a um «[e]xercício aplicado para ilustração de gentes jovens e duma página “clássica”: um texto de uma irremediável ausência de modernidade (aí voltamos), de eficácia e de pertinência no que poderíamos chamar por eufemismo o nosso *discurso teatral*» (Mateus 1974: 87).

O autor, porém, não abandonará o ramo empresarial, mantendo, por exemplo, a firma de artes gráficas Elo, onde publica as suas peças. A partir de 1987, pertence à direcção da Associação Industrial Portuguesa, chegando a integrar a sua Comissão para os Assuntos Culturais, que em 1988 organiza a 1ª. Feira das Indústrias da Cultura (Lisboa 1997: 467). As funções profissionais obrigam Osório de Castro a suspender a actividade literária até 1991, ano em que dá à estampa *Contos em memória*.

A produção dramática será retomada com textos divulgados em leituras encenadas, como aconteceu com *Lux Lucis* (Teatro Nacional D. Maria II, 1994) e *Garrett: Teatro* (Sociedade Portuguesa de Autores, 2000), ou espectáculos ocasionais, sendo foi o caso de *A paixão segundo Santo António* (Museu Nacional do Traje, 1996), *Leonor, Santa Rainha (Laudário da Misericórdia)* (Museu de São Roque, 1999) e *À nossa...! Branco ou tinto? ou os benefícios do vinho* (Quinta da Ribeirinha, Póvoa de Santarém, 2002, encenação de Jorge Listopad). Continuam também as publicações na Elo: *D. João II* (1998), *Cabeçudos e gigantes (Farsa trágica ou talvez não!)* e *Santo António Militar. Mágica em rima bárbara, para educação de governantes, seniores e principiantes* (ambas editadas 2000), *A Giralдина* (2002) e *Ribeirinha meu amor...* (2003).

Não obstante a irregularidade que pauta o percurso artístico de Osório de Castro, a sua perseverança denota um entusiasmo pelo teatro que nunca chegará a esmorecer. Saliente-se o ecletismo da obra, que acompanha a exploração inventiva de estilos e linguagens, sinalizada em alguns dos subtítulos das peças: «poema dramático», «fantasia», «farsa trágica ou talvez não». Segundo Jorge Listopad, o escritor, «um dos mais fecundos e diversificados da dramaturgia portuguesa contemporânea», escreve

«como se quisesse criar um conflito entre as peças; sem limite, variando entre a transcendência e a imanência, entre a mitologia e a comédia de costumes, entre as situações extremas e as circunstâncias dissolvidas quando confrontadas com os lugares comuns» (Listopad 2006: 18). Predominariam, no entanto, os motivos históricos, e *Viriato Rey-Canto da Lusitânia*, «onde o arquétipo se cruza com o lendário e o mito», seria a «primeira pedra do Nibelungen ibérico» (*idem*: 19). Nesta peça, para Rui Pina Coelho, o dramaturgo «trabalha sobre os espaços vazios da narrativa histórica construindo a figura de um herói bélico e fraternal, respondendo às insuficiências documentais com liberdade poética» (Coelho 2006).

Um ano antes de falecer, João Osório de Castro concretiza um projecto acarinhado desde 1997. *Viriato Rey*, encenado por João Mota e com cenografia de José Manuel Castanheira, é apresentado no Festival de Teatro Clássico de Mérida por um elenco luso-espanhol de quarenta e cinco elementos que ocupa o Teatro Romano, dando voz e corpo às vitórias e às derrotas do pastor-guerreiro. É o primeiro autor português a estrear-se no famoso festival.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Rui Pina (2006). «Viriato guerrilheiro em Mérida» in *Público*, 15 de Agosto.

____ (2009). *Casa da Comédia (1946-1975). Um palco para uma ideia de teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

LISBOA, Eugénio (coord.) (1997). «João Fonseca Osório de Castro» in *Dicionário cronológico de autores portugueses*. [Mem Martins]: Publicações Europa-América, vol. 6, pp. 467-468.

LISTOPAD, Jorge (2006). «Fatum da dramaturgia portuguesa» in João Osório de Castro, *Viriato Rey*. [Maia]: Elo, ed. bilingue português / espanhol, pp. 17-19 (3ª edição).

[A.de M.] (1962). «Blusões negros, no Teatro Nacional» in *Diário de Lisboa*, 25 de Março, p. 13

MATEUS, J. A. Osório (1974). «Recensão crítica a “A Primeira Espingarda no Japão”, de João Osório de Castro» in *Revista Colóquio/Letras* [Recensões Críticas], n.º 20, Jul. 1974, pp. 86-87. Consultado em <<http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.760&org=I&orgp=20>> (data de acesso: 9 de Novembro de 2017).

NUNES, Luís d'Oliveira (1965). «“O baile dos mercadores” na Casa da Comédia» in *Diário de Lisboa*, 25 de Agosto, pp. 5 e 16.

OGANDO, Alice (1962). «Blusões negros» in *Plateia*, p. 37.

P. (1961). «“D. Henrique de Portugal” no D. Maria II» in *Diário de Lisboa*, 11 de Março, p. 4.

PORTO, Carlos (1970). «Na Estufa Fria. Último espectáculo da temporada» in *Diário de Lisboa*, 20 de Setembro, p. 5.

Rita Martins

Sebastiana Fadda